



Memorabilia

Falam na TV nos 50 anos do rock. 1954. Com quem? Chuck Berry? Little Richard? Fats Domino?

Eu entro no Dalva, bar na zona Sul de Belo Horizonte, e me impressiono mesmo é com a memorabilia do samba: capas de discos de Ataulfo Alves, em que ele aparece sempre elegante, de paletó e gravata; capa de *Polêmica*, a tal que envolveu Noel Rosa e Wilson Batista; galeria dos bambas da MPB; Elizeth Cardoso, Dalva de Oliveira e Maísa cantando nas caixas de som.

O rock com certeza nasceu, como toda a música negra dos Estados Unidos, em Nova Orleans, na beira do Mississippi, um lugar que tem a mesma tremenda energia do Pelourinho. Mas como os negros migraram para a Chicago industrializada dos anos 30

Em seus 90 anos, o samba se construiu, portanto, nos desvãos de nossa própria história

e o blues foi eletrificado e acelerado, a história ganhou outras nuances.

“A Invenção do Samba. Em uma de suas vertentes, o samba com que Noel se deparava era, por aquela época, liderado pela figura de Sinhô, herdeiro da tradição iniciada na casa da Tia Ciata (...) Um samba, enfim, aparentado com o maxixe, também praticado por Pixinguinha e por todos os músicos populares mais refinados, que gozavam de reconhecimento social (...) Havia, porém, um samba de origem mais recente e mais pobre, originário dos morros cariocas, bem menos prestigiado, e em tudo distinto do primeiro” (texto de Maria Alice Resende de Carvalho, baseado, ao que parece, em *Noel Rosa, Uma Biografia*, de João Máximo e Carlos Didier).

No começo dos anos 50, antes de 1954, os negros norte-americanos tinham mais dinheiro, e se seu gosto musical não era atendido pelas grandes companhias, os pequenos selos de black music o fariam. Os adolescentes brancos também emergiam como classe consumidora autônoma. E buscavam vorazmente a música negra. Daí surgiu uma conjunção de arte e negócios chamada rock'n'roll. (*Story of Rock'n'Roll*, Paul du Noyer).

Noel abraça Ismael e o samba do Estácio, “rompendo com uma certa aristocracia do samba e com as concepções intelectuais que poderiam confinar aquele ritmo ao folclore, à rigidez devota de sua ancestralidade negra”.

Em seus 90 anos, o samba se construiu, portanto, nos desvãos de nossa própria história. Uma história logo globalizada, a partir do rádio, do disco e do cinema falado. Junto com a tecnologia viriam também os produtos da indústria cultural norte-americana. Nos anos 30, alguns já reclamavam da influência do jazz e do foxtrot. De Noel a Marcelo D2, passando por Ary Barroso, João Gilberto e Jorge Ben, o samba tem administrado esse fato.

Nacionalismo

Gosto de ouvir os que, como José Ramos Tinhorão e Ariano Suassuna, defendem a autenticidade da cultura popular brasileira, seja lá o que isso for. A juventude brasileira é apaixonada demais pela cultura norte-americana. Outro dia ouvi de um adolescente que Marcelo D2 se vendera ao sistema, pois agora era pop, e não rapper. Quer dizer, até o critério de um julgamento supostamente crítico se submete ao modelo importado.

Suassuna e Tinhorão sempre devem ser ouvidos, eu creio. Vi o primeiro, numa ocasião, questionar, com aquele lindo sotaque pernambucano: “Por que Chico ‘Science’, e não Chico Ciência, que é, aliás, muito mais bonito?!”. Décio Pignatari já disse que a juventude é internacionalista. Pode até ser, mas sem senso crítico não dá. Hoje mais do que nunca.

Tinhorão não deve, no entanto, imaginar em mim um aliado. Gosto, por exemplo, da incorporação de novas harmonias pela bossa nova, que Tom Jobim, às vezes, justificava como vindas do berço amplo da música européia, mas que podemos perfeitamente admitir que vieram pelo caminho mais novo e sedutor da guitarra de Barney Kessel, ou da orquestra de Stan Kenton etc.

Tenho certeza de que Tom Jobim e João Gilberto estiveram tão atentos a toda esta questão da cultura brasileira como Tinhorão. Qualquer influência norte-americana não faz deles (nem de Ary Barroso, Pixinguinha, Jorge Ben, Milton Nascimento) norte-americanos. Tinhorão penaliza demais a influência, e isto tem a ver com o fato de que o julgamento sempre quer mais pureza que o fazer.